

DECIFRANDO O ACONTECIMENTO: COMPREENSÕES NO ÂMBITO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

**DECIPHERING THE EVENT: UNDERSTANDING IN
THE SCOPE OF RESEARCH IN EDUCATION**

Helio Fernandes Viana

(POSEDUC/UERN)
helio_viana1808@hotmail.com

Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro

(FE/UERN)
mayra.fr@gmail.com

DECIFRANDO O
ACONTECIMENTO:
COMPREENSÕES NO
ÂMBITO DA PESQUISA
EM EDUCAÇÃO

RESUMO: O artigo apresenta a noção de *acontecimento* identificando tratamentos e abordagens no âmbito da pesquisa em Educação no Brasil. Concentra -se na relação entre *acontecimento* e seus desdobramentos na (auto) formação e/ou transformação da subjetividade. A revisão de literatura apresenta produções de outubro 2010 a 2019 depositados nas bases de dados da ScIELO Elsevier e SciELO Brasil. Surge no contexto da tessitura de uma dissertação de Mestrado em Educação da xxxx que objetiva perceber como estudantes de uma escola pública vivenciam experiências de *produção-aprendente* em ambiências formativas. A noção de *acontecimento* remete a uma experiência existencial de resignificação nos processos formativos dos atores sociais da educação.

Palavras **Chave:** *Acontecimento*. Multirreferencialidade. Subjetividade.

ABSTRACT: The article presents the notion of an event identifying treatments and approaches within the scope of research in Education in Brazil. It focuses on the relationship between the event and its consequences in the (self) formation and / or transformation of subjectivity. The literature review presents productions from October 2010 to 2019 deposited in the ScIELO Elsevier and SciELO Brasil databases. It appears in the context of the thesis of a Master's thesis in Education from xxxx that aims to understand how students from a public school experience production-learning experiences in formative environments. The notion of an event refers to an existential experience of reframing the formative processes of social actors in education.

Keywords: Event. Multireferentiality. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

A passagem do século passado para o atual chamou a atenção para o caráter *acontecimental* da existência humana. Revelou assim a importância da vida cotidiana, dos espaços relacionais, inaugurando novas perspectivas pertinentes ao pensar o *ser-no-mundo*¹, o homem ordinário e o caráter hermenêutico de seus modos de ser. Obras como *Ser e tempo* (Heidegger, 1927), *A invenção do cotidiano* (Certeau, 1980) e *Renascimento do acontecimento* (Dosse, 2013), a pesar das diferenças patente e irreduzíveis, oferecem novos prismas para pensarmos o ser em seu *acontecer*.

A pedagogia, como *locus* de reflexão-ação sobre experiências (auto)formativas, não poderia manter-se alheia à compreensão do acontecimento em seu próprio campo — campo vasto para pescar no voo dessas aves raras. Assim, alguns autores têm chamado a atenção para a experiência *aprendente* como *acontecimental, ressignificativa, autorizante* (Ardoino e Barbosa; Macedo). Esta perspectiva, de inspiração multirreferencial e etnometodológica, vem possibilitar um olhar plural para a realidade sócio-educativa-existencial buscando superar a hegemonia redutora da dicotomia “sujeito-objeto” instaurada pela unidimensionalidade positivista moderna.

Seguindo essa inspiração, temos como *case* o projeto de pesquisa do Mestrado em Educação da xxx, ainda em andamento, no qual o caráter *acontecimental* é central. *Projeto*, antecipação, potência de compreensão que é fruto de acontecimentos, que persegue acontecimentos e que quer se abrir aos *acontecimentos-autorizantes* que *informam* nosso próprio olhar e *ser-educador*.

¹ *Ser-aí* (*Dasein*) e *Ser-no-mundo* (*Sein-in-der-Welt*) são termos alemães usado pelo filósofo Martin Heidegger para propor uma nova ontologia do sujeito (*Ser e tempo*, 1927). Trata-se de um sujeito que não está encapsulado em si mesmo ao modo do sujeito cartesiano (*substrato*). Não uma res pensante, uma alma, dentro de uma res extensa, mas um ente que cujo *ser* é inseparável de mundo. Daí a importância para as significâncias, a imediatividade da vida, o próprio ser cotidiano (público) como constitutivo de ser.

O projeto que inspira essa revisão de literatura nasce da inquietação que se deu na escola estadual Hermógenes Nogueira da Costa em Mossoró -RN, um espaço que tem se mostrado potência em produções tecnológicas no âmbito de feiras científicas. Alguns de seus estudantes, participantes de projeto de iniciação à pesquisa em tecnologia, têm vivenciado uma experiência de *produção-aprendente* em ambiências formativas que se revela fecunda em ressignificações. Estes atores da educação pública operam *atos de currículos*, criam redes em ambiências (auto)formativas, traçam caminhos no ciberespaço e levam adiante um processo *aprendente* singular. Alguns resultados técnicos desse processo vêm sendo evidenciados desde 2018. Nesse ano, a escola produziu mais de 70 projetos de pesquisa que foram apresentados em feiras científicas internas e externas. No mesmo ano a escola recebeu prêmios no âmbito federal e, recentemente (2019) obteve um prêmio internacional.

Contudo, o processo transcende a simples produção tecnológica. Para além da criação de *devices* e aplicativos, essa iniciação à ciência se abre para *acontecimentos-autorizantes*, isto é, momentos de *autorização* (ARDOINO, 1998) pelos quais estes atores ressignificam suas próprias existências, seu *fazer-aprender*, e se assumem como *atores-autores de si mesmos*. O processo de produção tecnológica se torna *produção-aprendente* cujo caráter *autopoiético (autofornativo)* interessa compreender.

Dada a heterogeneidade inerente à experiência que aqui nomeamos como *acontecimento*, a rigor, seria preciso falar de *acontecimentos*, no plural, já que se trata, mais especificamente, de *micro-acontecimentos* dispersos em diferentes espaços-temporais formativos, cotidianos, compreendidos-interpretados desde diferentes perspectivas e sujeitos. Falamos das pequenas metamorfoses anônimas que irrompem em momentos *intensos*, nas práticas formais e não-formais, nas ações, nos ditos, nas ocorrências, enfim, nas experiências que perfazem o devir formativo humano.

Para tal, nos abrimos para a multiplicidade de olhares que se tem debruçado sobre a questão desde variadas perspectivas da reflexão pedagógica brasileira. Justamente a partir da pluralidade

de compreensões, a qual se sedimenta na produção acadêmica consultada, queremos tecer uma compreensão própria, talvez modesta, sobre o *acontecimento*. Nesse sentido, a impressão de “dispersão”, inevitável fruto da pluralidade de olhares aqui referenciados, constitui para nós tanto uma exigência do próprio “objeto” de pesquisa quanto postura político-epistemológica. Como exigência, o *acontecimento* se apresenta como experiência heterogênea que deve ser compreendida em sua própria heterogeneidade *sui generis*. Já como postura epistemológica, a própria compreensão dessa noção funda-se em um *ethos* da abertura para as múltiplas compreensões e experiências dos diferentes sujeitos em seus processos formativos —em outras palavras: funda-se na multirreferencialidade (ARDOINO, 1998).

O acolhimento dessa multirreferencialidade constitui também procedimento aconselhado para questões ainda pouco sistematizadas ou insuficientemente discutidas. Tratando-se de noção cujo estudo e interesse no âmbito da educação brasileira é relativamente recente, fragmentado, parcial —aliás, é constituído justamente por essas fragmentações, rupturas, ambiguidades— torna-se necessário adotar uma abordagem que participe de outros olhares, que beba em todas as fontes, como aconselha (OLIVEIRA e ALVES, 2008, p. 17, 25, 220). Ouvir compreensões outras, participar da heterogeneidade generativa da experiência nomeada como *acontecimento* torna-se tarefa autopoietica² para o próprio pesquisador. Daí que este trabalho participe da perspectiva da pesquisa-formação: o pesquisador se faz ao pesquisar. A própria pesquisa toma um caráter *acontecimental*. Nessa perspectiva, não se trata de buscar definições, mas de nos abrir a impressões, interpretações, considerar hermenêuticas diversas e compreender compreensões (MACEDO, 2016).

Assumindo esse *ethos*, o da multirreferencialidade, realizamos uma revisão de literatura preliminar referente à noção de *acontecimento* tomando como fonte de pesquisa artigos científicos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES. A obtenção dos materiais ocorreu entre 01 e 08 de

² Do grego: *autos* (si mesmo) e *poiesis* (criar,fazer): daí, autoconstrução, ou criação de si mesmo.

outubro de 2019 a partir dos recursos de *busca avançada* da base de dados referida. Como primeiro passo, escolhemos o próprio termo *acontecimento* como principal descritor. Em seguida, usando o sistema de operadores *booleano*, buscamos estabelecer relações e conexões com indexadores descritores secundários (ex: *acontecimento and educação*; *acontecimento and subjetividade*; *acontecimento and formação*).

Uma consulta preliminar com o descritor “*acontecimento*” nos deu uma noção da amplitude do universo temático que essa noção evoca. O resultado, demasiadamente amplo (4376 títulos), nos obrigou a uma série de delimitações possibilitadas pela *busca avançada* do Portal de Periódicos CAPES. Em uma primeira tentativa de refinamento, selecionamos o tipo de material: artigos. Em seguida, em vista dos volumes, delimitamos por tópicos e por disciplinas, considerando as opções oferecidas pelo Portal, tomando em conta os indexadores *educação*, *acontecimento*, *philosophy*, *Event* e *religion*. Da mesma forma, foi necessário estabelecer um recorte temporal, levando em conta trabalhos produzidos entre os anos de 2010 a 2019. Además, vimos a necessidade de restringir a busca aos idiomas português e espanhol. Também decidimos usar como fonte as bases de dados da ScIELO (Elsevier) e SciELO Brasil. Finalmente, passamos a uma leitura panorâmica dos títulos e palavras chaves dos materiais coletados. Com base nesses critérios, encontramos 210 artigos que continham o termo “*acontecimento*”, embora nas mais diversas acepções. Vimos a necessidade de tomar a noção de *acontecimento* em seu sentido técnico, desconsiderando seu sentido comum de “*ocorrência*”, assim como seu uso historiográfico no sentido de *acontecimento* datado, bem como no sentido que lhe tem sido dado pelas ciências da comunicação como efeito midiático. Finalmente, optamos por artigos revisados por pares, retornando um total de 179 resultados. O refinamento nos levou a 117 artigos aos quais procedemos a uma primeira leitura seletiva dos resumos e introduções. Como resultado da análise dos materiais, encontramos 28 trabalhos ligados ao nosso objeto de pesquisa pelo que procedemos à leitura pormenorizada. Essa leitura alimenta o que, a seguir, apresentamos.

O ACONTECIMENTO SOB UMA PLURALIDADE DE OLHARES

Uma primeira navegação exploratória nos trabalhos referentes à questão revela que a noção de *acontecimento* se tornou não apenas um filosofema que alimenta a reflexão filosófica e histórica desde início do século XX, mas também uma noção polissêmica que nomeia experiências humanas, existenciais, formadoras, cuja análise transborda as disciplinaridades. A própria noção tornou-se, ela mesma, um acontecimento, suscitando reflexões heterogêneas, chamando a atenção de um grande número de pensadores, dos mais dispersos campos, que fundamentam os atuais estudos do tema. Entre esses nomes, destacam-se os de Martin Heidegger, Michel Foucault, Deleuze e Guatari, Michel de Certeau, Alain Badiou, Hannah Arendt; Pierre Levy e mais recentemente Jorge Larrosa, François Dosse e outros.

Deleuze é, sem dúvida, o nome mais citado que, desde a filosofia, contribui com a própria noção de *acontecimento* que alimenta grande parte da reflexão mesmo em educação. Jorge Larrosa (2011), já no âmbito da educação, contribui com a noção de *experiência* ligada ao que *nos* acontece. Ele mesmo bebe nos autores citados. A comunidade acadêmica brasileira, notadamente no âmbito da pesquisa em educação, não se furtou à discussão. Alguns autores têm contribuído com a repercussão dessa perspectiva, podemos citar Roberto Macedo, Christine Jossô, Silvio Gallo, entre outros. São essas as fontes que com maior frequência fundamentam os estudos contemporâneos e que figuram nas bibliografias dos materiais analisados.

Quanto às abordagens, a noção tem sido tratada das mais diversas formas. Alguns têm-na tomado como “categoria” arqueológica no estudo da história (Michel de Certeau; François Dosse) e, mais especificamente da história da ciência, como revisado por Jaquet (2015). Outros autores encontram na noção, sem desconsiderar outras possibilidades, uma ferramenta conceitual heurística prolífica (BRAIGHI, RESENDE, 2013; MACEDO; 2016). Também há aqueles que sugerem a possibilidade de um

método ou procedimento acontecimental que, de alguma forma, seria capaz de produzir o acontecimento (BERNARDES, 2014). Outros situam o *acontecimento* tanto como momento de tomada da palavra como ação política (GALLO, ASPIS, 2010), quanto práticas instauradoras de rupturas (OLIVEIRA, 2008). Essa análise não é exaustiva. A maioria dos autores se refere a essa noção como algo difícil de ser explanada, ou até impossível. Ambiguidade e polissemia é frequente nos trabalhos, sendo considerado até mesmo inerente às abordagens que não apenas trabalham a noção, mas assumem aí o *ethos* acontecimental. Esse ethos seria essa abertura para o inacabamento, o não fechamento.

Revela-se aí uma considerável produção teórica ao redor da noção de *acontecimento* que se mostra heterogênea, polissêmica, plural. Mas é possível falar, grosso modo, de uma perspectiva acontecimental que bebe, maiormente, em fontes pós-estruturalistas e/ou pós-modernas, sem desconsiderar outras possibilidades. Diante de fontes tão abundantes, mergulhamos nas entrelinhas das compreensões para colher seiva para a tessitura de nossa própria compreensão, reservando-nos a liberdade de assumir parcial ou inteiramente algumas compreensões, assim como a de descartar outras.

A partir da revisão de literatura buscamos então destacar alguns aspectos que nos parecem relevantes para nossa própria hermenêutica da questão. Desse modo, objetivamos ressaltar o caráter auto-constitutivo dessa experiência que chamamos *acontecimento*. Trata-se de mostrar o que *nos* ocorre no *acontecimento*, ou, em outras palavras, mostrar “como nos tornamos o que somos” ou como nos experienciamos, nos tornamos outros, nos ressignificamos no *acontecimento*.

ACONTECIMENTO: COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS

A importância da noção de *acontecimento* não descansa em qualquer discurso de caráter abstrato já que não se trata de conceito cunhado nos solilóquios ou nos laboratórios

pseudo-filosóficos. Trata-se de uma noção que toca a própria existência, o devir si mesmo, o ser aí no mundo em sua cotidianidade. Aliás, com essa noção buscamos exprimir o próprio “funcionamento e a vida dos homens e das instituições coletivas”, constituindo, portanto, algo que “nos toca” como sujeitos mutantes (LEVY, 2011, p. 182). A relevância desta discussão, principalmente para o âmbito educativo, descansa justamente na compreensão de que a experiência aí indicada se refere ao modo “como nos tornamos o que somos”, isto é, como nos auto-constituímos, já que somos sujeitos inacabados. Aliás, o próprio *inacabamento* é, como bem apontou Paulo Freire (2018, p. 33), o “núcleo fundamental” no qual se sustenta o processo de educação, “captável a partir de nossa própria experiência existencial”. Compreender o *acontecimento* é, ao mesmo tempo, um modo de compreender a nós mesmos em nossa finitude, em nossos devires formativos. Para isso, é preciso fazer a análise da existência em seu vir a ser, ou, se se quer, de uma fenomenologia hermenêutica do *acontecimento* ou, ainda, de uma ontologia de nós mesmos.

Essa perspectiva que pergunta pelo vir a ser, pelo como nos tornamos o que somos, foi primeiramente colocada pelo filósofo Friederich Nietzsche (1844-1900) e recuperada no início do século XX, a partir das leituras de seus trabalhos. Seu ensaio autobiográfico *Ecce homo* tem reverberado no pensamento contemporâneo através de diversos autores. Friedrich Nietzsche legou aos pensadores atuais um pensamento que restitui a vida, ou seja, a própria existência em suas minúcias, em suas pequenas lutas, ao centro da preocupação. Para ele, “essas pequenas coisas [alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo] são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante” (1995, p. 50). Essas “pequenas coisas” são justamente importantes porque elas nos constituem, nos formam, são, por dizer em uma figura, as pontes pelas quais tivemos que passar para chegar onde estamos. Por isso, justamente entre essas pequenas coisas o pensador alemão coloca a maior de todas as tarefas: a de buscar a resposta para a questão “como alguém se torna o que é” (NIEZSCHE, 1995, p. 49).

O devir heraclítico regressa assim ao pensamento. A casuística da existência retoma seu lugar. Os pequenos atos, os pequenos detalhes, o cotidiano, o mundano, o ordinário, da dieta ao ócio, do tédio ao sentimento do divino imanente, das tarefas da casa às tarefas da escola, enfim, a cotidianidade retoma seu lugar como raízes espalhadas sobre a superfície do ser-no-mundo³. Os momentos de intensidade, o *instante*⁴ como *repetição*, o *amor fati*, tornam-se questões a serem pensadas seriamente, já que elas nos constituem. Os momentos de pequenas grandezas, de rupturas, de intensidade, de perplexidade, de tédio, demandam a apropriação ou recusa de um modo de ser. O ser está aí em jogo, dirá Heidegger (2015). Assim, a própria existência (o *ser* e não o *cogito*) recobra seu lugar central no pensamento. Saber como nos tornamos o que somos, isto é, realizar uma genealogia de nós mesmos, ou, realizar uma ontologia fundamental de nós mesmos, torna-se tarefa não apenas para filósofos, mas para o homem contemporâneo.

É este pensamento com pés no chão, recuperado a inícios do século passado, que dará lugar ao pensamento do *acontecimento*, principalmente via pensadores já mencionados, aos quais somam-se nomes mais recentes como os de Foucault (1980), Deleuze e Guattari (1998), Certeau (1984), François Dosse (2000) e outros. Nesta perspectiva, a questão a ser respondida continua a ser aquela feita por Nietzsche: “como alguém se torna o que é”.

O *acontecimento* pode ser entendido, em primeiro lugar, como uma experiência do devir si mesmo, da autoconstituição, da ressignificação ou alteração do próprio sujeito. O trabalho de André Levy (2011), *O enigma do acontecimento*, busca esclarecer as noções interligadas de *acontecimento* e *mudança*. O *acontecimento* é compreendido como o que irrompe na vida, provocando mudanças, surpresa, confusão. O autor coloca o enigma de como a descontinuidade emerge da continuidade. *Acontecimento* é uma experiência que só faz sentido pelos

³ *Dasein*: do Alemão, traduzido como *ser-aí*, *ser* humano. Teve seu uso tornado relevante a partir da obra *Ser e tempo* (1927) do filósofo alemão, Martin Heidegger.

⁴ *Instante* é uma das palavras usadas para traduzir o termo grego *kairós*. É equivalente a acontecimento, evento.

efeitos que ele produz sobre o sujeito, pela mudança que causa no coletivo, ou pela diferença que instaura em certos modos de ser. Desde uma abordagem clínica psicossociológica, o autor busca responder a questões tais quais: “de que forma e de acordo com qual processo, qual trabalho, um estado de coisas, relativamente estável, pelo menos em aparência, se transforma para se tornar outro?” Em outra colocação: “como emerge uma organização, como se modificam os modos de pensamento, as condutas, as regras, as normas, as estruturas sociais?” E finalmente, precisando a questão no nível da auto-constituição do sujeito, o autor a coloca em termos que nos parece central: “como a enunciação de uma palavra ou como um ato pode ressoar na psique e abalar um processo de pensamento e de ação?” ou “como podemos nos tornar outro e, ao mesmo tempo, permanecer o mesmo?” (LEVY, 2011, p. 183-184). Eis aí a questão nuclear.

Essas questões são os fios que orientam uma discussão que, de outra forma, padeceria de excentricismo pseudo-filosófico. O que interessa, no âmbito da experiência nomeada como *acontecimento*, é justamente o ser em seu devir, o sujeito em seu tornar-se si mesmo, em suas transformações, em suas pequenas metamorfoses em face de pequenos-grandes *acontecimentos*, nas ressignificações de suas experiências. Em outras palavras: “como se dá a mudança, a autotransformação, a descontinuidade em meio à permanência?” (*Idem*). O *acontecimento* pode ser compreendido aqui como a própria origem dessa descontinuidade, do “devir outro”, da emergência da diferença, do tornar-se outro no nível da subjetividade compreendida como modos de ser assumidos-sentidos.

Contudo, juntamente com esse autor, consideramos que não se trata de pensar um sujeito isolado que se “destaca” do meio social ou que se “pensa” a si mesmo e seu mundo sem estar nele profundamente inserido e implicado. Ao nosso ver, o ator social, o sujeito, o indivíduo, ou como queiram chamá-lo, é, ao mesmo tempo, intencional e interacional. Nos acercamos assim às análises que integram os atores no interior do campo

de estudo, que se afasta do paradigma economicista do sujeito para integrá-lo a uma análise sociocultural, que “privilegia as dinâmicas sociais, ao contrário dos estatismos e dos fenômenos de reprodução valorizados pelo estruturalismo” (DOSSE, 2013, p. 439). Para nós o sujeito é também um *ser-no-mundo*, ideia oriunda da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger (1927). Nesse ver, o sujeito é inseparável do seu mundo, ele é *ser-no-mundo* e sua compreensão de mundo. Porém, talvez contra Heidegger, mesmo nessa implicação entre ser e mundo, existe, para além de qualquer condicionamento histórico-social a possibilidade de singularização e ressignificação ou re-apropriação do ser cotidiano a cada *instante (Augenblick)*⁵. Há, portanto, sempre um espaço de liberdade possível, de autoconstrução, de resistências possíveis.

As dicotomias que separavam radicalmente sujeito coletivo e privado, ou o indivíduo do mundo no qual está inserido, não são suficientes para exprimir a complexidade dessa relação. Contudo, como não se trata de dizer o que seja um sujeito, nem de elucidar essa questão⁶, mas apenas indicar como age e ressignifica situações, como dá sentido a si mesmo ou como se experiênciam, enfim, nesse sentido, apenas assumimos essas compreensões, entendendo na via da perspectiva etnometodológica que o que há são pessoas que interagem, “atores que inventam seus etnométodos todos os dias” (DOSSE, 2007, p. 438) e que, ao inventarem o cotidiano, como mostra Certeau (1984) se (re)inventam a si mesmos. Este ator social é afetado pelos jogos dos *microacontecimentos* que “pontuam a vida cotidiana, tanto das pessoas como das sociedades, e que são indissociáveis do modo e do lugar de sua ocorrência, assim como das pessoas que o viveram” (LEVY, 2011, p. 183).

O *acontecimento* se dá, nesse contexto, justamente, para esse ser *no mundo*, para esse ator social que é afetado no encontro com o outro, com o lugar outro, sem abdução do sujeito do

⁵ Instante traduz o alemão *Augenblick* que quer dizer “pisar de olhos” e que aponta para a experiência do acontecimento, do instante inaugural, do momento da decisão.

⁶ François Dosse apresenta essa questão em seu clássico *A história do Estruturalismo*, vol. II.

meio no qual se move. Esta compreensão do acontecimento é corroborada por Salgado e Garcia (2016), em seu artigo *O deslize do alternativo*, adotam uma postura pós-estruturalista para falar de “devir-revolucionário”. Para eles esse devir toma o lugar do “acontecimento da revolução” (leia-se revolução) operando um deslocamento dos afetos, isto é, de desejos e, ao mesmo tempo uma reorganização dos processos da vida. Esse devir “aparece como o poder de variação e reordenação dos objetos, dos sujeitos, dos signos e das significações de um mundo prévio”. Citando Pellejero, eles dizem que esse devir “atua no cotidiano assim como as táticas de Michel de Certeau (2013): práticas desviacionistas que não se definem pela lei do lugar” e que “jogam com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões, e suas ações estão no âmbito do utilizar, manipular e alterar algo” (SALGADO, GARCIA, 2016, p. 111/112)⁷.

Note-se que, embora essas práticas não se definam pela “lei do lugar”, elas se dão num “lugar” já instituído, porém, provocando rupturas no *lugar* o que implica em mudanças no próprio sujeito. O que aí ocorre, porém, nos parece, abriga maior intencionalidade do que aquela que Michel de Certeau aceitaria. Não nos parece que as práticas desviacionistas, realizadas por seus praticantes culturais careçam de intencionalidade ou não sejam capitalizadas pelo ator social. O sujeito e seu mundo está inteiro em suas ações. As ações, por sua vez, produzem mudanças no mundo e, reflexivamente, nos sujeitos que nele atuam.

ACONTECIMENTO: O MOMENTO DA DIFERENÇA

Aí descansa outro efeito constitutivo do *acontecimento*: a *diferença*. No *acontecimento* a diferença se manifesta, se dá como poder de variação, de reorganização, de reordenação tanto dos objetos quanto do próprio sujeito. Algo e alguém se *alteram*, se torna outro. Gallo e Martinez (2015), em seu artigo *Líneas pedagógicas para uma educación corporal*, destacam alguns trabalhos

⁷ Embora Michel de Certeau não aceite um “retorno ao sujeito”, nada impede compreender as práticas desviacionistas como ações intencionais de sujeitos que se transformam ao transformar. Esta é a compreensão de fundo deste trabalho.

que centram seu interesse sobre o “currículo como território de multiplicidades” estabelecendo relação com a filosofia e com uma “educação em termos de aprendizagem signo” ou “como devir-outro em termos de educação moral e alteridade” (p. 615). À educação normalizadora, modeladora, instrutiva e disciplinar opõem uma educação que “exige um cuidado moral como acontecimento ético, experiência, problematização, ação educativa e prática reflexiva” (p. 616). Esta perspectiva de inspiração “defende um pensamento imanente, do aqui e agora, um pensamento do acontecimento, de realidades constantemente cambiantes, de transformações, longe de toda verdade identitária e de toda subjetividade criada” (p. 619). Embora os autores trabalhem com a ideia de “oposição”, o que nos parece ainda presa à dicotomia cartesiana, o que é essencial em seu trabalho, no nosso ver, é justamente a questão da autoconstituição frente ao instituído. A questão central é colocada por eles nos seguintes termos: “como nos libertar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos prendem à realidade dominante?” (*Idem*), ou seja, como nos tornamos outros em meio à hegemonia do instituído, disso se trata no acontecimento. E esse “tornar-se outro”, dar-se a diferença na diferença, esse *alterar-se*, é o que ocorre de fundamental.

Acontecimento, nesse ver, não é apenas a “possibilidade” de mudança, de alteração. *Acontecimento* é o dar-se a mudança, é diferença. Por isso entendemos com Lopes (2013) que *acontecimento* é a própria diferença em seu dar-se. Em seu artigo *Deleuze: a obsessão pela gênese*, o autor parte da compreensão deleuzeana de que a filosofia lhe compete pensar o acontecimento no conceito. Portanto, o conceito é o acontecimento. O artigo busca compreender a concepção de gênese em Deleuze, para quem a “filosofia é ato de criação de conceitos e de personagens conceituais a partir de um plano de imanência”. “*O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa*” (LOPES, 2013, p. 193).

Ainda a partir do pressuposto deleuzeando, o autor exemplifica a mudança, isto é, a diferença que se opera no sujeito quando do deslocamento dos espaços urbanos para o interior da

casa. Embora o autor dê a impressão de permanecer um tanto preso à dicotomia “interior-exterior”, é feliz ao destacar a diferença não apenas em termos de espaço, mas também de temporalidade, de hábitos, de modos de ser e fazer, assim como de outras regulações, pelo que a casa se aproxima, para ele, do que “gostaríamos de dizer conceito” (*Idem.*, p. 222). A casa se torna um *locus* da diferença. O sujeito torna-se outro no passo do espaço urbano para o do lar. A casa é o lugar do ritmo outro, de regulações outras.

Sílvio Gallo e Renata Lima Aspís (2010), em seu artigo *Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga*, problematizam a relação entre ensino de filosofia e cidadania na sociedade contemporânea. O acontecimento aparece como tomada política da palavra a qual deve ser um exercício do ensino de filosofia, a qual cumpriria assim sua função, tendo aí sua relevância social atual. Os autores também tratam sobre a diferença constitutiva no *acontecimento*. Para eles trata-se de um ato político, de tomada de posição pela palavra crítica, tendo o exercício filosófico como *locus* de cultivo desse cidadão que se autoriza a falar, a tomar a palavra. O *acontecimento* torna-se instauração da ruptura via retomada política da palavra, em face da sociedade do hipercontrole que a cerceia, que exclui e nega cidadania. *Acontecimento* aí é a própria ruptura institutiva, a instituição⁸, ou melhor, o ato instituinte, a ação da palavra que cria, como ruptura, que institui no e contra o instituído, de forma contestadora, questionando o já instituído. O cidadão, retomando a palavra que lhe foi interdita, instaura a diferença, a ruptura e assim uma cidadania da resistência torna-se possível. A própria tomada da palavra pelo cidadão, pelo aprendiz de filosofia, no exercício do pensamento crítico, é ação que instaura *acontecimento* (GALLO E ASPÍS, 2010).

⁸ *Instituição* no sentido de *ato de instituir*, de inaugurar, de gerar, e não Instituição no sentido substantivo de instituído.

ACONTECIMENTO: EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO

No *acontecimento* está também uma experiência de ressignificação, de criação de sentido. Nesse ver, a noção fenomenológica de experiência cobra importância. É possível identificar níveis dessa experiência. Em um primeiro nível poderia ser colocado o da percepção imediata e a da impressão deixada por uma experiência marcante. Já em um segundo nível seria o da “experiência da experiência, cuja consciência permite entender o mundo sob nova ótica, ou seja, *eksistere*, tornar-se para si, em sua relação com o mundo e com os outros” (LEVY, 2011, p. 188). O que remete, portanto, a um trabalho de elaboração reflexiva, individual e coletiva para fazer sentido e tornar o *acontecimento* vetor de mudança. Isto supõe que um acontecimento, um evento qualquer, não gera por si só mudança. Nem todo acontecimento é, de fato, um *acontecimento*⁹. Os teóricos costumam repetir que no acontecimento nada acontece ou, de outra forma, que o *acontecimento* é o que ele se torna (HEIDEGGER, 2015; DOSSE, 2013). É preciso que o que ocorre, seja vivido, significado, ressignificado, concebido como significativo para quem o vive. É necessário que o acontecimento seja um *acontecimento para* o sujeito, que nos aconteça. Aliás, é assim que Larrosa (2011) define experiência: “En portugues se diría que la experiencia es ‘aquilo que nos acontece’”. Nessa ótica, o *acontecimento* é inseparável da experiência significativa.

O trabalho de Fernanda Mota (2018), *O ensino de Filosofia da educação e as noções de encontro, acontecimento e superfície* oferece elementos que corroboram essa compreensão. Citando Deleuze, a autora anota que o “acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é NO que acontece”. Nessa leitura, só há acontecimento quando o que acontece nos

⁹ Usamos a ênfase gráfica (cursivas) para indicar a diferença entre “acontecimento” no sentido comum, como “ocorrência”, “evento” e *acontecimento* no sentido técnico, como experiência existencial significativa.

toca, ou quando o consideramos nosso. A essa dupla face do acontecimento ela identifica, ainda seguindo Deleuze, de “efetuação” (o que acontece) e “contra-efetuação” (o que *nos acontece*). Isto é, o que cobra sentido para nós.

Nessa trilha, concordamos com Gallo (2011, p. 509) para quem o *acontecimento* também constitui a experiência nesse duplo aspecto, da efetuação e da contra-efetuação. Em outras palavras, agora falando em um aspecto mais psicológico, o “ser do sensível não pode se limitar à sensação do que (nos) ocorre, é isto sim, aquilo que necessariamente é sentido” (*Idem*). O que nos toca, o emocional, a intensidade de um momento, não se resume a sua materialidade, isto é, a sua ocorrência, ou a sua sensação. Na experiência acontecimental um evento qualquer cobra uma face do aberto, do que nos questiona ou que nos faz questionar o próprio ser, o próprio acontecer. No *acontecimento* “Há um encontro com algo que nos convida a pensar”. A reflexividade torna-se objeto inerente ao *acontecimento*. Assim a experiência não é o que nos ocorre, mas o que fazemos com o que nos ocorre” (GALLO, 2011, p. 509).

O artigo *As condições de (im)possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: algumas aproximações* traz uma interessante discussão sobre a *experiência como acontecimento* e seu efeito sobre a subjetividade. Dariane Carlesso e Elisete M. Tomazetti (2011), procuram aproximar as noções de “experiência” e “mudança” discutindo “as condições para que o *acontecimento* ou a *construção/reconstrução* da experiência façam parte do processo de constituição do sujeito”. O trabalho transita assim entre Dewey e Larrosa tomando por norte a noção de experiência, aproximando os autores a partir das características e elementos que tornam possível a própria experiência como acontecimento.

Os “elementos possibilitadores da experiência” correspondem a “situações nas quais o sujeito passa a ser autor do processo de conhecer”. Citando Larrosa, os autores anotam que a “experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção” (CARLESSO, TOMAZETTI, 2011, p. 83). Trata-se de um momento em que

o sujeito é capaz de “parar”, olhar devagar, escutar, suspender o automatismo, atentar para o que ocorre, abrir os olhos, falar sobre, encontrar-se, dar-se tempo e espaço. Essa experiência supõe não apenas o pensar, mas o pensar bem. Nessa perspectiva, o sujeito é aquele capaz de articular suas experiências, ou aquele para quem o pensamento reflexivo é vital, destacando uma dupla dimensão que agora assume as características de ativa e passiva. “O sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 24, apud CARLESSO, TOMAZETTI, 2011, p. 84). “Na experiência, o sujeito é receptivo àquilo que é ‘novo’, ao *acontecimento* da experiência (Larrosa), ou à *construção e reconstrução* da mesma” (Dewey) (*idem*. p. 85). Para ambos os teóricos, na experiência, o sujeito se expõe a “um espaço indeterminado perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”¹⁰.

Por outro lado, na interpretação que os autores fazem de John Dewey, eles afirmam que “a experiência pode ter um caráter negativo ou positivo”. Trata-se de uma experiência que pode produzir abertura, mas também dureza, insensibilidade. O sujeito é, nesta perspectiva, sensível e aberto à transformação de si mesmo. “Tanto para Dewey quanto para Larrosa, o movimento da experiência coloca o sujeito como centro do processo de construção de si mesmo e do conhecimento” (CARLESSO, TOMAZETTI, 2011, p. 88). Assim, na leitura dos autores, para Larrosa o grande protagonista do processo é o sujeito capaz de ressignificar, de voltar sobre si mesmo, enquanto para Dewey o protagonismo recairá sobre a instituição escolar, sobre o currículo, sobre o ambiente educacional e sobre o professor.

¹⁰ “Ocasião” é termo importante que exprime o tempo do acontecimento, ou do evento. Traduz o *kairós* grego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta primeira exploração, é possível notar que a noção de *acontecimento* tornou-se, ela mesma, um fenômeno no campo da pesquisa, um filosofema ecoando no ambiente acadêmico brasileiro, escorregando para vários campos compreensivos. Pode-se arriscar a sugerir a existência de uma “abordagem acontecimental” que busca consolidar-se. Esta perspectiva na pesquisa em educação, assume um caráter multirreferencial, tanto pela pluralidade dos olhares, dos pontos de vistas das análises —na qual as vozes dos atores/as da pesquisa são colocadas em evidência— quanto pela própria característica da matéria: o *acontecimento* é uma experiência heterogênea, de instauração de múltiplos sentidos. Trata-se, portanto, de uma experiência da alteridade, da diferença, da ressignificação, da temporalidade outra. Se dá de mil maneiras, desde retomada da palavra política até a revelação de sentidos outros em práticas cotidianas nas salas de aula. É criação de sentidos: é o próprio sentido-vivido que se instaura como novo em sua própria temporalidade. Pelo *acontecimento*, nos tornamos outros e instauramos o novo em meio ao já dado. Daí a importância dessa noção para pensar o processo aprendente, educativo ou pedagógico e de fazer pesquisa-formação em educação.

Dessa forma, a noção de *acontecimento* ganha centralidade em nossa pesquisa uma vez que pretendemos investigar *que acontecimentos e atos de currículos cotidianos, atores da educação pública, em contexto de séria vulnerabilidade social, realizam uma experiência de produção-aprendente na qual se tornam autores não apenas de novas tecnologias, mas, principalmente, co-autores de si mesmos?* As imersões significativas dos alunos/atores da pesquisa como praticantes culturais que se formam em redes de conhecimento dentro/fora da escola, arrefecem, ao menos provisoriamente, a ideia de que vivenciar experiências de *produção-aprendente* em ambiências formativas autorais remete a uma variedade de *acontecimentos e atos de currículos* que instauram inflexões existenciais capaz de ressignificar os processos formativos dos atores sociais.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaqui G. (org). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BERNARDES, Anita Guazzelli. Trabalhar conceitos como um exercício de transgressão: acontecimento e acontecimentalizar. **Revista Polis e Psique**. v. 4, n.2, p. 143-154, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/51095/pdf_60 Acesso em 19/01/2020.

BRAIGHI, Antônio A.; RESENDE, Patrícia. A reverberação do acontecimento [resenha]. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 29, p. 216-221, dez. 2013. Disponível em: <https://ser.ufrgs.br/intexto/article/view/42093/27825> acesso em: 05/11/2019, 11h21.

CARLESSO, Dariane; TOMAZETTI, Elisete M. As condições de (im)possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: algumas aproximações. *Revista Reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 75-97, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2204/1905> acesso em: 01/10/2019, 11h34.

CHISTÉ, Bianca Santos; LEITE, César Donizeti Pereira; OLIVEIRA, Luana Priscila de. *Devir-criança da Matemática: experimentações em uma pesquisa com imagens e infâncias*. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 29, n. 53, p. 1141-1161, dez. 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/bolema/v29n53/1980-4415-bolema-29-53-1141.pdf Acesso em 02/10/2019, 10h30.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Trad. Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007b

DOSSE, François. **Renascimento do Acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix**. Trad. Constancia Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Trad. Llian Lopes Martin. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GALLO, Luz Elena. La educación corporal bajo la figura del acontecimiento. **Revista Educación física y deporte**, Antioquia, Col. n. 30-2, p. 505-513, 2011. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/educacionfisicaydeporte/article/view/11310/10343> acesso em 01/10/2019, 11h46.

GALLO, Luz Elena; MARTINEZ, Leidy Johana. Líneas pedagógicas para una educación corporal. **Cadernos de pesquisa**, v. 45, n. 157, p. 612-629, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n157/1980-5314-cp-45-157-00612.pdf> acesso em 01/10/2019, 18h31.

GALLO, Silvio; ASPIS, Renata Lima. Ensino de Filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1(61), p. 89-105, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a07.pdf> acesso em 02/10/2019, 10h20.

HEIDEGGER Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco: 2015.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Estudios sobre literatura y formación. 1ra ed. eletrônica. México, DF: Fondo de cultura econômica: 2011.

LEVY, André. O enigma do acontecimento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 181-195, ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n2/v17n2a02.pdf> acesso em 05/11/2019, 11h08.

LOPES, Luis Manuel. Deleuze e a obsessão pela gênese. **Kalagatos** - Revista de Filosofia, Fortaleza, CE, v. 10, n. 20, verão 2013. Disponível em: <http://kalagatos.com/index.php/kalagatos/article/view/211/399> acesso em 01/10/2019, 11h40.

MACEDO, R. Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016.

MOTA, Fernanda. O ensino de Filosofia da Educação e as noções de bons encontros, acontecimento e superfície. **Educação**, Porto Alegre, RS, v. 41, n. 2, p. 280-288, mai-ago. 2018. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/26006/17265 acesso em 19/01/2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP *et alii*, 2008.

SALGADO, Gabriela Nigra; GARCIA, Wladimir. O deslize do alternativo. **Pro-Posições**. Campinas, SP. v. 27, n. 3(81), p. 105-120, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n3/1980-6248-pp-27-03-00105.pdf> acesso em 01/10/2019, 17h27